

---

## O Whatsapp Na Redação: O Uso O Aplicativo Na Rotina Dos Jornalistas De Imperatriz-MA<sup>1</sup>

Lorena LACERDA<sup>2</sup>  
Thaís Cristina BUENO<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

### RESUMO

Esse trabalho pretende apresentar um primeiro olhar sobre como os jornalistas de Imperatriz, a segunda maior cidade do Maranhão, que atuam em redação, fazem o uso WhatsApp na sua rotina de trabalho e, de que maneira o uso do aplicativo interfere ou não na prática desses profissionais. Para tanto, faz uso da metodologia quali-quantitativa, a etapa quantitativa corresponde à aplicação de um questionário para quinze jornalistas de sete veículos de comunicação da cidade, entre o suporte impresso e televisivo e online. Já na etapa qualitativa, foram entrevistados cinco jornalistas, selecionados a partir dos respondentes do questionário. Apesar do caráter introdutório, já é possível indicar que WhatsApps se tornou uma ferramenta obrigatória para os jornalistas e que reconfigurou a rotina de produção desses profissionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** WhatsApp; Jornalismo; Redações; Rotina; Imperatriz - MA.

### 1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação sempre passaram por transformações, seja no âmbito social ou tecnológico, que modificaram as rotinas de produção e divulgação. Essas transformações influenciaram na pressão das horas de fechamento e a fundamentação do imediatismo (TRAQUINA, 2005), fato fomentado ainda mais pela transposição do jornalismo para a Web. “Os jornais começaram a investir em informática e em softwares de edição que lhes permitiam trabalhar de uma forma mais rápida e permitindo um fecho de edição mais tardio” (CANAVILHA, 2006, p. 4). Entretanto, segundo Moretzsohn (2002) na era do jornalismo online o “fetiche da velocidade”, é fundamento não apenas no interesse de divulgar a informação de maneira imediata, mas de funcionar de acordo com o ritmo do mercado financeiro. Essa inserção do jornalismo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup>Graduanda de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (GCiber) com bolsa de iniciação científica com financiamento do CNPq. E-mail: lorenallacerda@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Dr<sup>a</sup> da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (GCiber). E-mail: thaisabu@gmail.com.

na era digital também incentivou mudanças na participação da audiência, com a criação de diversas maneiras de interação, estabelecendo assim, uma nova dinâmica entre jornalista e leitor (SPECHT, 2017).

Dentro desse panorama, se pode apontar o WhatsApp, como uma ferramenta de mídia que oferece “combinação de conteúdo, comodidade, custo e acessibilidade do que as pessoas que já dispõem de televisões, rádios, cinema, estéreos, jornais, livros e revista” (TRAQUINA, 2005, p. 370). Em vista que o aplicativo, lançado em 2009, oferece opções multimídias como, envio de mensagem de texto, áudio, imagens e vídeos, além do compartilhamento de localização, links e afins. Tendo mais de um milhão de um bilhão de downloads, em 180 países, entre eles o Brasil (WhatsApp)<sup>4</sup>.

Diante dessa popularidade e diversidade de funções, o aplicativo se tornou uma ferramenta frequente para uso profissional e comercial. Como aponta a pesquisa realizada pela Embratel em parceria com a Teleco, em 2015, em que 55% das empresas consultadas usam o aplicativo como canais de comunicação comercial<sup>5</sup>. Vale ressaltar que o WhatsApp não foi desenvolvido como ferramenta empresarial, seu intuito inicial era ser uma alternativa de troca de mensagem para a além do SMS (Sigla inglês, que traduzido significa: Serviço de Mensagens Curta), entretanto, é perceptível que tem sido usado não apenas para a comunicação intrapessoal, tanto que atualmente existe o WhatsApp Business, uma extensão do aplicativo voltada para perfis comerciais.

No jornalismo brasileiro o aplicativo surgiu em 2013, no Jornal Extra, sendo utilizado, principalmente, como uma plataforma de sugestão de pautas, no entanto, não tendo locais de destaque ou orientações de como funcionário o WhatsApp do veículo. Como aponta o levantamento de realizado por Reino e Bueno (2017), sobre o uso de aplicativos móveis no Brasil:

Na sua totalidade, entre os que adotam o ícone para divulgar a plataforma, o símbolo fica sempre escondido na página, é difícil de ser encontrado, quando não acontece como no *Estado de S. Paulo*, cujo recurso só foi achado depois de uma busca dirigida no Google. (REINO; BUENO, 2017, p. 129)

Contudo, esses aspectos vêm passando por transformações, atualmente, alguns jornais adotam o aplicativo como meio de sugestão de pauta, dando destaque a opção de contato com a audiência em seus canais de divulgação, como o jornal Diário Gaúcho,

<sup>4</sup> Site WhatsApp. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/>.

<sup>5</sup> Pesquisa realizada pela Embratel e a Teleco. Disponível em: <http://hmlg.embratel.com.br/embratel/a-embratel/saladeimprensa/2015/300915.php>. Acesso em: 25 nov. 2018.

estudado por Specht e Dornelles (2018), que tem o ícone de acesso ao WhatsApp destacado no cabeçalho de seu site. Ou então jornal imperatrizense, Correio Popular, que circula apenas em versão digital, além de possibilitar o contato entre jornal e fonte por meio do aplicativo, também disponibiliza o jornal via WhatsApp por meio de uma lista de transmissão no aplicativo e não apenas no site (REINO et al, 2019). Dessa forma, o WhatsApp influencia mudanças nas rotinas dos jornalistas, tanto na participação da audiência sobre as decisões de publicação, como também, no contato entre jornalistas e fontes (SPECHT, 2018). Assim, rompendo cada vez mais a imagem do jornalismo que tinha apenas uma pauta por dia ou que aguardava a pauta chegar até ele via telefone ou e-mail (MORETZSOHN, 2002).

Nesse cenário, esse trabalho irá apresentar um primeiro olhar sobre o uso do WhatsApp pelos jornalistas que atuam em redação de Imperatriz, a segunda maior cidade do Maranhão, buscando entender como o uso do aplicativo interfere ou não na prática desses profissionais. Para tanto, essa pesquisa faz uso de duas metodologias, primeiramente, a quantitativa abordada por intermédio da aplicação de questionário a jornalistas de sete redações de Imperatriz, entre o suporte impresso (Correio Popular e O Progresso), televisivo (Mirante, Difusora e Nativa) e Online (Imirante e Imperatriz Online). Segundamente, a qualitativa, desenvolvida por meio entrevista a cinco jornalistas selecionados a partir dos respondentes do questionário. Os resultados aqui apresentados são uma parcial dessa pesquisa que busca entender como os jornalistas de Imperatriz utilizam o WhatsApp na sua rotina.

## **2 METODOLOGIA**

Com o objetivo de conhecer o uso do WhatsApp na sua rotina dos jornalistas que trabalham nas redações em Imperatriz, esse trabalho irá utilizar uma metodologia quali – quantitativa. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013) e, Oliveira (2015) essa mescla de métodos permite a diminuição das fraquezas de cada uma e aumento da validade dos resultados.

A etapa quantitativa se dividiu em dois processos: o primeiro desenvolvido pela aplicação de um questionário a jornalistas de sete veículos de comunicação da cidade; o segundo serviu de base para a seleção dos entrevistados. Já a etapa qualitativa corresponde à execução de entrevistas com cinco jornalistas de distintos veículos e suportes de comunicação da cidade, seguindo um roteiro temático.

Na etapa quantitativa foi feito, primeiramente, um levantamento dos principais veículos de comunicação da cidade, tendo como resultado: três de suporte televisivo (TV Mirante, TV Nativa e TV Difusora Sul), dois impressos (O Progresso e Correio Popular), dois online (Imirante e Imperatriz Online) e seis de suporte radiofônico (Rádio Terra, Nativa, Difusora, Mirante e Líder). É importante salientar que essa lista não leva em consideração blogs, dado que a pesquisa se restringiu a trabalhar com redações de meios tradicionais da cidade. Além disso, para o desenvolvimento desse trabalho o rádio também foi descartado devido ao fato que os programas da cidade são, majoritariamente, de rádios comerciais e não adotam produção jornalística. A decisão de não incluir esses programas considerou a orientação de Ferrareto (2001), para quem rádios com sistema de produção de conteúdo baseado na publicidade não se enquadram no modelo jornalístico. Em Imperatriz, as rádios no ar são assim e não possuem equipe de jornalismo, são apenas os locutores a lerem as notícias. Dessa forma, a partir desse levantamento foi construída uma lista com o contato de 39 jornalistas que trabalham entre os cargos de diretor, editor, chefe de redação e repórteres, nas redações de Imperatriz, dos suportes impresso, televisivo e online, para assim, os convidar para participarem da pesquisa.

Ainda na etapa quantitativa, em formato de pesquisa exploratória, foi elaborado um questionário na plataforma *Google Forms* com 11 questões, sendo 2 discursivas e 9 objetivas, que versavam entre dados pessoais (Nome, Idade, Empresa, e Cargo), finalidade de uso do WhatsApp e a opinião do profissional sobre a mudança que o aplicativo causou na sua rotina. Com o intuito de compreender, de maneira mais objetiva, como os profissionais de comunicação da cidade utilizam o WhatsApp na sua rotina, como também, de identificar os possíveis candidatos a entrevistados para a segunda etapa da pesquisa, a qualitativa.

Dessa forma, o questionário foi enviado para os 39 profissionais, de sete redações da cidade (Mirante, Imirante, Difusora Sul, Nativa, Imperatriz Online, O Progresso e Correio Popular), por meio de e-mail e WhatsApp, durante o período de 3 a 28 de janeiro de 2019. Ao todo quinze jornalistas se dispuseram a responder, foram eles: um do site Imperatriz Online, cinco da TV Mirante, um do site Imirante, cinco da TV Difusora Sul, um do jornal Correio Popular e um do jornal O Progresso.

A partir desse resultado, foram selecionados cinco jornalistas para a realização de entrevistas, com o objetivo de entender com profundidade como os jornalistas de

Imperatriz usam WhatsApp e os impactos que ele trouxe ou não para a rotina profissional, assim sendo escolhido um profissional de cada canal.

Da equipe disponível, foram escolhidos profissionais que ocupam cargos diretamente ligados à produção, para o suporte televisivo, pois, foi possível perceber que os produtores utilizam com mais frequência o WhatsApp na sua rotina, em vista que eles são os responsáveis pelo levantamento e distribuição de pautas. Enquanto que para os suportes impresso e online, foram selecionados um repórter de cada veículo, dado que eles são, geralmente, reesponsáveis pela seleção e apuração de suas pautas. Dessa forma, a seleção dos cinco entrevistados ocorreu mediante a disponibilidade dos profissionais que responderam o questionário e a facilidade de contato entre a pesquisadora e a eles.

Vale ressaltar que para etapa qualitativa, alguns canais de comunicação não foram utilizados devido a indisponibilidade dos jornalistas em participar desta etapa da pesquisa, como é o caso do site Imirante, que não participou em decorrência questões pessoais da única profissional responsável pelo site e, a TV Nativa, que também não participou devido questões de relutância da empresa.

Dessa forma, a etapa qualitativa foi desenvolvida por meio de entrevistas com cinco jornalistas de Imperatriz, sendo dois de suporte impresso (Correio Popular e O Progresso), dois televisivo (TV Mirante e TV Difusora Sul) e um online (Imperatriz Online). Para a segurança dos profissionais e maior transparência dessa pesquisa, os nomes dos jornalistas foram resguardados e denominados conforme o quadro 1.

**Quadro 1 - Lista de veículos e cargos para compor as entrevistas desta pesquisa**

Codínome	Cargo	Veículo
Produtor/Difusora	Produtor	TV Difusora Sul
Editor/Mirante	Editor/Ex-produtor	TV Mirante
Repórter/Correio	Repórter /Colunista	Correio Popular
Repórter/ItzOnline	Repórter	Imperatriz Online
Repórter/Progresso	Repórter	O Progresso

A autora, 2019.

As entrevistas seguiram um roteiro temático que guiou a conversa, que tinha como objetivo entender de maneira mais profundo como os profissionais de comunicação de Imperatriz que trabalham em redações, utilizam o WhatsApp na sua rotina. O roteiro indicou seis categorias de discursão (Inserção do WhatsApp na redação, Restrições; Verificação Grupos de WhatsApp; Vantagens e desvantagens e Qualidade do jornalismo), contudo, para esse *paper* serão trabalhadas apenas quatro categorias, em vista que ele possui caráter introdutórios da pesquisa. As categorias que serão contempladas aqui estão indicadas e dispostas como:

- I. **Inserção do WhatsApp na redação:** essa categoria buscou entender quando o WhatsApp começou a ser usado na rotina do jornalistas que trabalham nas redações de Imperatriz;
- II. **Restrições:** essa categoria buscou apontar possíveis restrições que os jornalistas têm em relação ao uso do aplicativo a sua rotina de trabalho, como por exemplo, tipo de linguagem;
- III. **Verificação:** essa categoria teve por objetivo entender com os profissionais de comunicação da cidade fazem a verificação das informações obtidas por intermédio do aplicativo de conversa;
- IV. **Grupos de WhatsApp:** essa categoria buscou fazer um levantamento sobre o tipo de grupos que o jornalistas da cidade estão inseridos e, como eles auxiliam na rotina desses profissionais;

As entrevistas ocorreram no período de 22 de fevereiro a 23 de março de 2019, tendo aproximadamente 30 minutos de duração para cada uma. A transcrição foi realizada pela a autora desse trabalho.

Por fim, as informações foram catalogadas e analisadas, com o objetivo de levantar dados sobre o uso do aplicativo e as transformações que ele causou ou não na rotina dos jornalistas de Imperatriz.

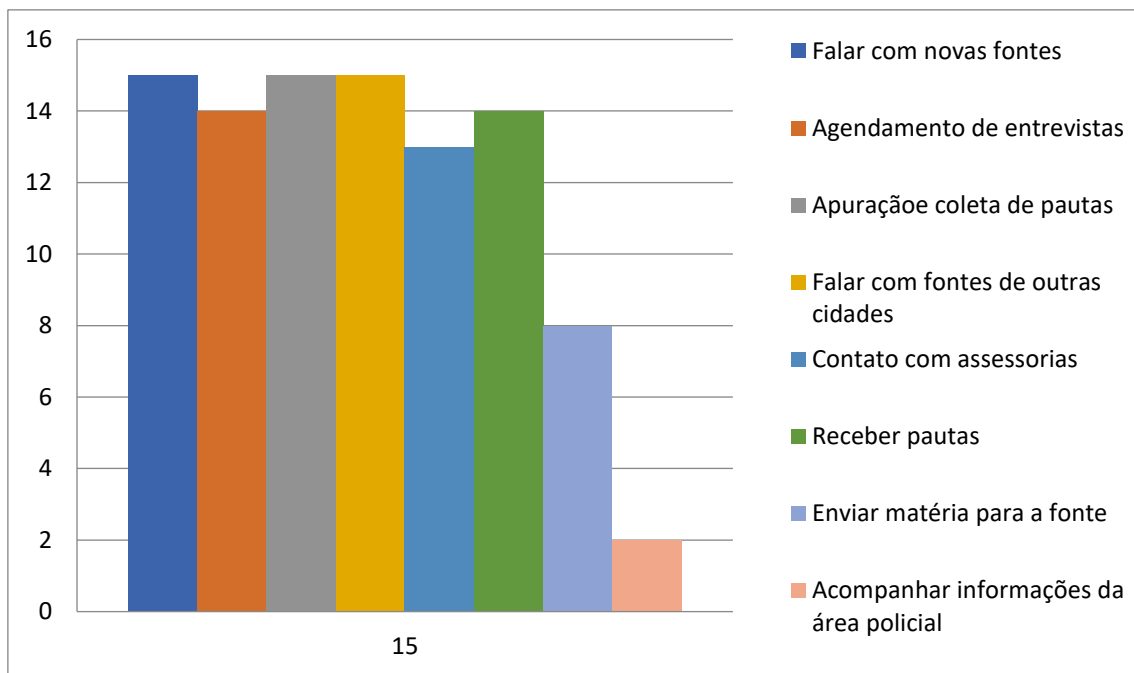
### 3 RESULTADOS E ANÁLISES

#### 3.1 WhatsApp nas redações?

A etapa quantitativa da pesquisa foi respondida por quinze jornalistas de distinto meios de comunicação: três canais de TV (Mirante, Difusora e Nativa), dois sites

(Imirante e Imperatriz Online) e dois jornais impressos (Correio Popular e O Progresso). É importante salientar que essa etapa do estudo tinha por objetivo entender de maneira rápida a utilização do aplicativo nas redações de Imperatriz, para assim buscar respaldo para a elaboração e aplicação do roteiro de entrevistas. Como também servir de suporte para a seleção dos entrevistados da etapa quantitativa. Contudo, já a partir do questionário ficou claro como os profissionais que trabalham nas redações de Imperatriz utilizam com frequência o WhatsApp na sua rotina, uma vez que os quinze participantes afirmaram usar o aplicativo diariamente no trabalho. Além disso, as múltiplas funções desempenhadas pelo aplicativo podem ser apontadas por meio do gráfico 2, que demonstra as principais finalidades do WhatsApp na rotina dos jornalistas de Imperatriz, que trabalham nas redações de jornais, emissoras e sites.

**Gráfico 2 – Finalidades do WhatsApp na rotina dos jornalistas de Imperatriz**



A autora, 2019.

Percebe-se ainda um destaque para o contato com fontes, a apuração e coletas de pautas e, o agendamento de entrevistas, demonstrando como a função de *gatekeeper* é desenvolvida pelo jornalista com o auxílio da plataforma e, como a também traz maior participação da audiência, estabelecendo assim, uma reformulação do *newsmaking*, em que as relações entre produção, fontes e leitores passam por transformações (DORNELLES, SPECHT, 2015). Dessa forma, é evidente que o



WhatsApp é utilizado de maneira cotidiana e com diversas finalidades pelos jornalistas de Imperatriz, independente do suporte.

### **3.2 WhatsApp na redação: perspectivas dos profissionais de Imperatriz MA**

Para entender de maneira aprofundada as perspectivas dos jornalistas sobre o uso do WhatsApp na sua rotina, foram entrevistados jornalistas de cinco redações da cidade, sendo um de cada veículo. Os profissionais entrevistados trabalham nas redações da TV Mirante, TV Difusora Sul, jornal O Progresso, jornal Correio Popular e o site Imperatriz Online. As entrevistas seguiram um roteiro temático que resultou nas categorias elaboradas e dispostas a seguir.

#### **I. Inserção do WhatsApp na redação**

Durante as entrevistas, foi questionado, primeiramente, aos jornalistas como e por qual motivações eles começaram a utilizar o WhatsApp na sua rotina de trabalho. Os cinco entrevistados apontaram que o fato se sucedeu entre os anos de 2013 e 2014, mas as motivações para o uso ocorreram de maneiras distintas. O repórter do Correio Popular e o produtor da TV Difusora Sul, iniciaram por incentivo do próprio veículo.

Como esclarece o Produtor/Difusora:

A minha coordenadora da época criou o hábito de usar [...] fomos nos inserindo, era nosso canal de notícias instantâneas. Foi incentivado que a equipe todo tivesse uma rede de contatos, inserido em grupos de WhatsApp para não perder furos de reportagem. (Produtora/Difusora, 2019 – Informação Verbal) <sup>6</sup>.

Entretanto, alguns tiveram o contato com o aplicativo primeiramente na rotina pessoal e, por consequência, no trabalho como o editor da TV Mirante e o repórter do Imperatriz Online. No caso do jornalista do site Imperatriz Online, o mais jovem dos cinco entrevistados, utilização do aplicativo na sua rotina ocorre desde a época da universidade. “Desde quando entrei na faculdade, pela facilidade de conseguir informações, porque é um meio que a gente usa hoje para conseguir as coisas” (Repórter/ItzOnline, 2019 – Informação Verbal) <sup>7</sup>.

Contudo, esse cenário é diferente em relação aos mais velhos, como exemplo, o repórter do jornal O Progresso, o mais velho dos cinco entrevistados, destacou a resistência em utilizar o WhatsApp na sua rotina profissional, mas teve que se adaptar

<sup>6</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 28 de fevereiro de 2019, em Imperatriz – MA.

<sup>7</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 19 de Março de 2019, em Imperatriz – MA.



---

para acompanhar o novo meio de comunicação popularizado entre os profissionais da cidade.

Fui um dos que resistiu muito, até que chegou o dia de receber uma bronca, [...] o meu (celular) até então, era uma “peba”, só tinha mesmo a opção de recebe e fazer ligação. Mas, meus colegas me avisaram, “Moço se atualiza, tem o WhatsApp não?”. E eu nem sabia o quê era. (Repórter/Progresso, 2019 - Informação verbal)<sup>8</sup>

Dessa forma, percebesse como o WhatsApp foi adotado no mesmo período pelos jornalistas dos diversos meios de comunicação da cidade, entretanto, essa adoção ocorreu de maneiras distintas, seja por influência das empresas e comunicação ou pela fato do aplicativo ser popular, se tornando algo comum na prática dos mais jovens. Além disso, é interessante analisar como a idade influencia na vivência com o aplicativo, como foi possível perceber entre o Repórter/ItzOnline e o Repórter/Progresso, o mais novo e o mais velho da pesquisa, enquanto o primeiro tem o aplicativo como algo comum na sua prática profissional desde o início da carreira, o segundo teve dificuldade de adaptação ao WhatsApp na sua rotina.

## II. Restrições

Por meio das entrevistas foi possível apontar que os jornalistas possuem restrições em relação à linguagem utilizada no aplicativo quanto ao âmbito profissional. Dos cinco entrevistados, três entrevistados alegaram terem restrições com a linguagem informal, seja com o uso de abreviações ou emoticons, pois, segundo eles a linguagem mais foral colabora para manter a relação entre fontes e jornalistas mais profissional, em vista que eles fazem uso de uma ferramenta, que possui aspectos de entretenimento.

Como destaca a produtora da TV Difusora Sul:

Prefiro a linguagem escrita, mais formal possível, especialmente quando entro em contato com as fontes, é questão de me adequar, usa a língua portuguesa, não daquela formalidade excessiva, mas usando os devidos termos e evitando abreviações. Acho que isso mantém uma postura profissional. (Produtora/Difusora, 2018 – Informação Verbal).

Apenas os jornalistas do site Imperatriz Online e do jornal O Progresso, alegaram não terem tantas preocupações com o isso da linguagem. Para o primeiro, o uso de abreviações ou emoticons também são uma maneira de expressão. Contudo, para ele o uso desses artifícios deve ser feito com moderação para não destoar da figura profissional que a fonte espera do jornalista.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 23 de Março de 2019, em Imperatriz – MA.

---

Assim, depende da situação. Porque às vezes, vai mais da intimidade que você tem com veículos e canais que participa ou recebe material [...] agora em relação à fonte sempre busco ser um pouco mais formal, as pessoas realmente esperam que a gente seja um pouco mais formal, mais sempre uso os emoticons [...] sendo tudo com moderação, clareza com contexto. (Repórter/ItzOnline, 2019 – Informação Verbal).

Enquanto, que para o Repórter/Progresso o uso das abreviações não afeta o profissionalismo do jornalista, pois a maioria compreende aquele linguajado na plataforma. Apesar de que ele não utiliza, alegando que esse seja um conhecimento dos mais jovens.

Normalmente eu não uso, mas entendo [...] Não acho que seja antiprofissional, talvez seja isso aí né (não domínio da linguagem de internet)? A gente não tem ainda aquele linguajado, mas já passou do tempo daquele linguajar excessivamente formal. Hoje o jovem se adapta melhor. (Repórter/Progresso, 2019 – Informação Verbal).

Diante das alegações dos entrevistados é possível perceber como a maioria dos jornalistas de Imperatriz tem restrições em relação ao uso da “linguagem de internet” no WhatsApp como ferramenta profissional, pois para eles o uso de abreviações ou emoticons interferem na imagem e credibilidade do profissional, apesar que aplicativo permita o uso do “internetês”, linguagem informal utilizada em plataformas online, que se adequa a necessidade de agilidade da internet (VILAÇA E ARAÚJO, 2012, p. 65). E essas restrições, estão estritamente ligadas aos cuidados com a imagem e credibilidade do profissional com a fonte.

### **III. Verificação**

Ficou perceptível que os jornalistas confiam e verificam sugestões de pautas por meio de canais de comunicação de instituições oficiais. Em vista que cinco entrevistados citaram que verificam informações com assessorias ou polícia.

O repórter do jornal Correio Popular destacou que confia nesses meios por serem informações divulgadas por números e pessoas que ela já conhece

[...] recebo muita pauta por WhatsApp e, inclusive, acho bacana e gosto de receber sugestão de pauta no WhatsApp via assessoria. Então, basicamente, o que confio em sugestão de pauta que recebo é de assessoria. Porque já vem no modelo que a gente receberia por e-mail, mas no WhatsApp, que é um forma mais prática. São números

---

que conheço de pessoas que conheço e confio. (Repórter/Correio, 2019 – Informação verbal)<sup>9</sup>.

Enquanto, o jornalista do site Imperatriz online, destacou ter como base de verificação, além dos meios oficiais, o dialogo com outros veículos de comunicação, ele ainda ressaltou como essa é uma forma de colaboração entre muitos sites e blogs da cidade. “Em questões de polícia, tem o boletim policial que eles fazem a averiguação e traz a informação pra gente ou, lá onde trabalho, a gente espera sair em outro jornal para fazer a publicação, porque nos temos sites parceiros [...] é uma coisa bem comum por aqui”. (Repórter/ItzOnline, 2019 – Informação verbal)<sup>10</sup>.

Dessa forma, é possível indicar que as informações adquiridas por meio do WhatsApp são verificadas de duas maneiras pelos jornalistas de Imperatriz: 1. O contato com fontes oficiais, como delegacias, secretárias governamentais e assessorias; 2. O contato entre jornalistas das regiões.

#### **IV. Grupos de WhatsApp**

Na etapa qualitativa foi possível perceber que os jornalistas geralmente participam de quatro tipos de grupos: 1. Entre profissionais internos de cada veículo, incluindo a redação da cidade e filiais da região; 2. Entre profissionais de diversos veículos e setores de comunicação da cidade; 3. Grupos de instituições oficiais, como de Departamentos de Polícia; 4. Grupos de notícias administrados, majoritariamente, por blogueiros da cidade.

OS relação aos grupos entre profissionais internos dos veículos servem para integrar a troca de informações entre os profissionais do veículo, seja de conversas mais banais, como felicitações ou, assunto profissionais, como o alinhamento de produção de pautas. Como esclarece o produtor da TV Difusora Sul:

O da redação vai ter repórter, apresentadores e editores, são conversas diversas, integram algumas coisas, como felicitações e aniversários. Não tem poluição e informações. Aí temos o de vídeos e fotos da edição [...] temos esse para que os editores já saibam o que a gente quer, de imagem, vídeo, cartela e retransmissão. O terceiro grupo que foi criado [...] é o de notas, que é da gente da produção com repórteres. E o quarto grupo é com a produção, edição e produtoras de profissionais de São Luís, Imperatriz e outras filiais, para alinhar a comunicação, troca de materiais, de informações, alinhar o trabalho no estado. (Produtor/Difusora, 2019 – Informação verbal).

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 14 de Março de 2019, em Imperatriz – MA.

<sup>10</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 19 de Março de 2019, em Imperatriz – MA.

O segundo tipo de grupo, é formado geralmente pela rede de contatos dos próprios jornalistas, são profissionais de comunicação que trabalham em diversos setores, desde a redação a assessoria de imprensa. E tem como principal função o auxílio e troca de informação entre os profissionais. “Participo de alguns com colegas, assessores, repórteres que a gente troca pauta, troca fonte, tudo” (Repórter/Correio, 2019 – Informação formal).

O terceiro tipo, administrado por instituições, auxiliam na obtenção de notas e pareceres oficiais sobre acontecimento da cidade. Um grupo citado por quatro dos jornalistas entrevistados foi o grupo da Polícia Militar.

Faço parte de alguns grupos. Mas assim, poucos [...] são grupos oficiais, como 13º Batalhão da polícia. São grupos que é proibido colocar propaganda, conversam paralelas, é só para o recebimento e confirmação de informações que aconteceram naquele dia. (Editor/Mirante, 2019 – Informação verbal)<sup>11</sup>.

E por fim, os grupos de notícias que são formados por profissionais da imprensa e a comunidade. Nesses grupos circulam informações diversas sobre acontecimentos da cidade, tendo compartilhamento de fotos, vídeos e áudios. Esse tipo de grupo é que possui maior discrepância entre os jornalistas entrevistados, em vista que alguns fazem parte desses grupos, mas criticam a funcionalidade dos mesmos, devido ao excesso de informações irrelevantes. “Esse grupos de notícias polícias, enche de polícia, de fofoca, [...] coisas que não tem nada a ver com o que o grupo foi formado” (Repórter/Progresso, 2019 – Informação verbal).

O produtor da TV Difusora Sul destacou como às vezes participar desses grupos é difícil devido a alguns conteúdos que são compartilhados, que vão à contramão das crenças do jornalista. “Confesso que fico em grupos que se não tivesse nessa profissão, eu não ficaria, porque estou ali como profissional. Mas, também sou mulher, tenho um posicionamento sociopolítico e vejo coisas um pouco desagráveis” (Repórter/Difusora, 2019 – Informação verbal).

Apenas, o jornalista do site Imperatriz Online ressaltou somente os aspectos positivos desse tipo de grupo. Tanto que o próprio site administra dez grupos desse perfil. E segundo ele os grupos auxiliam na obtenção de informações que muitas vezes os jornalistas não são capazes de capturar por serem únicas.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida a pesquisadora, no dia 8 de Março de 2019, em Imperatriz – MA.

Auxilia muito, por exemplo, aconteceu um acidente, não estou no centro da cidade e alguém no grupo manda lá, falando o endereço e como aconteceu. Aí entro em contato com a pessoa, pergunto se ela tá perto, o que aconteceu, se teve danos materiais, se a ambulância já chegou, coisas nesse sentido. Então às vezes eles dão um parecer que a gente não tem, por está no escritório e não sabe o que está acontecendo. Como os grupos são formados por pessoas de diferentes lugares, em diferentes ocasiões e isso facilita muito para que elas mesmas compartilhem as informações, com fotos e vídeos. (Repórter/ItzOnline, 2019 – Informação verbal).

Portanto, é perceptível que os grupos de WhatsApp têm uma diversidade de finalidade para os profissionais de jornalismo que trabalham em redação. No entanto, alguns tipos, como o de noticiais, não são visto completamente como um meio de coleta de pautas, devido ao excesso de informações compartilhadas e, muitas vezes, não relevantes para os jornalistas. Contudo, os grupos entre profissionais de jornalismo sejam entre a equipe interna ou de diversos meios de comunicação, auxilia na troca e compartilhamento de informações de maneira mais objetiva. Entretanto, os entrevistados destacaram que mesmo em grupos de jornalistas também se deve ter cuidado com a verificação das informações recebidas, pois até nestes também podem circular informações erradas. “Até mesmo entre nos jornalistas acontece de passar informações incorretas” (Repórter/Correio, 2019 – Informação verbal).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho traz uma introdução sobre a utilização do WhatsApp pelos jornalistas que trabalham em redações de Imperatriz. Contudo, já é possível indicar como o WhatsApp reconfigura a rotina de produção dos jornalistas, como por exemplo, o papel do *gatekeeper*. Anteriormente, esse profissional selecionava pautas de acordo com seus interesses (WOLF, 2008). Entretanto, atualmente, a seleção das notícias tem grande influência da audiência, por meio dos canais de comunicação, como o WhatsApp, que permite o contato direto entre jornalista e fonte.

Apesar da maioria dos jornais oferecem esses canais de comunicação e aproveitarem pouco os conteúdos disponibilizados (DORNELLES, SPECHT, 2016) no jornalismo de interior essa perspectiva muda. Uma vez que os grupos, como os de blogueiros, composto por jornalista e pessoas comuns, se tornam concorrentes dos jornais, uma vez que “o público tem agora a possibilidade de montar seu próprio jornal, a partir das informações que ele mesmo seleciona” (MORETZSOHN, 2002), o que

forçam os jornalistas a compartilharem as informações disponibilizadas nesses espaços. Assim, sendo obrigados a participarem desses grupos, para não perderem a informações, pois, como apontado anteriormente, alguns preferiam não participar desse tipo de grupo, mas são obrigados devido ao trabalho.

É importante salientar, que essa obrigação de usar o WhatsApp na rotina não é, majoritariamente, imposta pelas instituições de comunicação, mas sim, pelo sistema composto pelos próprios profissionais de jornalismo. Tanto que foi possível perceber a pressão entre colegas de profissão para usar o WhatsApp na rotina, como foi apontado pelo Repórter/Progresso, que por consequência da idade não tinha familiaridade com a nova tecnologia, mas foi pressionado pelos colegas de profissão a se “atualizar”.

Além disso, o estudo também apontou a dependência dos jornalistas de Imperatriz em verificar as pautas por meio do contato com assessoria de imprensa. Isso pode ser justificado pelo fato dos jornalistas confiarem mais em fontes de caráter oficial, pois elas, a princípio, têm mais credibilidade e são menos passíveis de repassar informações incorretas (WOLF, 2008).

Dessa forma, esse *paper* traz as considerações parciais sobre o WhatsApp na rotina dos jornalista de Imperatriz, já indicando algumas alterações e finalidades adotadas pelos profissionais. Em um segundo momento, essa pesquisa irá abordar as vantagens e desvantagens que o aplicativo trouxe para os jornalistas de redação, como também, as possíveis alterações que ele causou na qualidade do “fazer jornalístico” de acordo com a opinião dos profissionais.

## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2018

DORNELLES, Beatriz. SPECHT, Patrícia. O leitor manda notícia (por WhatsApp): a interatividade do novo newsmaking do Diário Gaúcho. **Anais**. In: Congresso Latiamericano de investigações de la Communication. 3, 2016, México. Memorias. México: Universidade Autónoma Metropolitana, 2016. p. 9-15.

MORETZSONN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan., 2002.

NELSON, Traquina. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. V1. Florianópolis: Insular, 2005.

---

OLIVEIRA, Fabiana Luci. Triangulação de metodologia e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe**. v. 51, n. 2, p. 133 - 143, ago 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/938/93841498004/>. Acesso em: 10 abril 2019.

Reino, Lucas et al. Jornal pelo WhatsApp: o papel do aplicativo na rotina produtiva do Correio Popular. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 8, n. 23, p. 87 – 107, dez. 2018. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/20/21> . Acesso em: 8 mar. 2019.

REINO, Lucas. BUENO, Thaisa. Ciberjornalismo em dispositivos móveis: uma análise de conjuntura brasileira. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. V. 5, p. 125 – 132, dez 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/15741>. Acesso em: 9 abr 2019.

SPECHT, Patrícia Pivoto. O whatsapp aliado a notícia: a interatividade do jornal brasileiro Extra. **Anais**. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Org.). **Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócios**. Covilhã: LabCom.IFP, 2017. p. 219-241.

SAPIERE, Roberto. COLLADO, Carlos. LUCIO, Maria. **Metodologia de pesquisa**. V. 5. São Paulo: Penso Editora, 2013.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação de massa. Ed 3. São Paulo: Martins Fontes, 2008.